



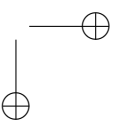
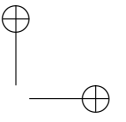
**CINEMA E  
PÓS-MODERNIDADE**



**Clarissa Souza Palomequé Urbano**

**2010**

[www.lusosofia.net](http://www.lusosofia.net)





LUSOSofia:PRESS

Covilhã, 2009

FICHA TÉCNICA

Título: *Cinema e Pós-modernidade: “Brilho eterno de uma mente sem lembranças” e os relacionamentos na contemporaneidade*

Autor: Clarissa Souza Palomequé Urbano

Colecção: Recensões LUSOSOFIA

Direcção da Colecção: José M. S. Rosa & Artur Morão

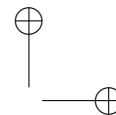
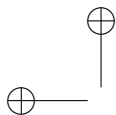
Design da Capa: António Rodrigues Tomé & José Rosa

Composição & Paginação: José M. S. Rosa

Universidade da Beira Interior

Covilhã, 2010





# CINEMA E PÓS-MODERNIDADE:

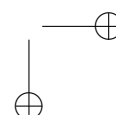
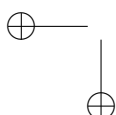
## *Brilho eterno de uma mente sem lembranças* e os relacionamentos na contemporaneidade

Clarissa Souza Palomequé Urbano\*

O filme *Brilho eterno de uma mente sem lembranças* mostra um casal, Joel (Jim Carey) e Clementine (Kate Winslet). Logo no início vemos o despertar de Joel, e a sua auto-definição de um homem normal, tímido, retraído e aparentemente solitário que vive a sua rotina diária em uma vida sem muitas mudanças, “não sou uma pessoa impulsiva”. Clementine é o oposto de Joel, extrovertida no seu modo de ser e de se vestir, cabelos que constantemente mudam de cor, sempre berrantes, parece não temer nada. É como se fôssemos apresentados a duas personagens, uma moderna representada por Joel, que tenta preservar o relacionamento apesar de saber que não consegue controlá-lo, e outra pós-moderna representada por Clementine, que não está disposta a fazer concessões, e que não acredita em compromissos a longo prazo. Enquanto Joel tenta administrar a sua vida agindo de forma racional, Clementine quer como ela mesmo diz levar a sua vida e encontrar paz de espírito - “não sou um conceito, apenas uma garota procurando por paz de espírito”. Esses dois tipos de comportamento perante um rela-

---

\*Aluna do Programa de *Mestrado em Design* da Universidade Anhembi Morumbi, Brasil



cionamento, são o que o filósofo alemão Zygmunt Bauman chama de “ambivalência” dos relacionamentos amorosos.

A ideia principal do filme gira em torno do relacionamento fracassado do casal. Clementine resolve acabar com o relacionamento de uma forma inusitada: ela se submete a um tratamento para apagar Joel de sua memória. Mais uma vez fica explícita a característica pós-moderna de Clementine, de acordo com o filósofo Zygmunt Bauman, o homem pós-moderno quer e exige o seu direito de ser feliz, e faz questão de “apagar” da sua memória toda e qualquer lembrança que não seja boa, quer guardar apenas as memórias boas que ajudem a melhorar a sua auto-imagem. Isso nos é mostrado quando o doutor Mierzwiak, o responsável pela criação desta nova técnica e proprietário da empresa Lacuna, responsável por prestar esse serviço, explica para Joel que Clementine o apagou da sua memória dizendo “ela não estava feliz e queria continuar com a sua vida” e mais adiante na gravação de fita de Clementine, onde ela diz que não gostava da pessoa que se tornava quando estava junto a Joel.

Cansado de sofrer por ter sido apagado da memória de Clementine, Joel resolve também se submeter ao tratamento, porém, conforme ele vai lembrando o que viveu ao lado de Clementine, ele percebe que não quer esquecê-la, que ele quer tê-la em sua memória mesmo que isso lhe traga sofrimento, e então ele começa a se esconder com Clementine dentro de outras memórias da sua vida das quais ela não fazia parte, como a sua infância e a sua adolescência, tudo na tentativa de guardar as lembranças do seu relacionamento.

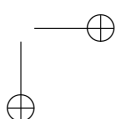
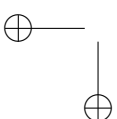
Uma das passagens do filme que representa um conceito do que é a vida na pós-modernidade, é quando o casal vai andar sobre o rio congelado, essa é a definição dos relacionamentos e da velocidade e rapidez dos acontecimentos na pós-modernidade segundo Zygmunt Bauman, de acordo com ele, atravessamos o inverno sobre um fina camada de gelo, se pararmos ela racha e seremos engoli-



dos. Na cena em que eles estão deitados sobre o gelo, embora estejam lado a lado, eles não se tocam, e ao seu lado existe uma rachadura enorme no gelo, como se fosse uma representação do seu relacionamento.



Quando o filme começa, somos levados a acreditar que aquilo que é mostrado é a situação real das personagens, quando na verdade, só percebemos que não o é quase aos 20 minutos depois do começo do filme, quando surgem os créditos. A estória não possui uma narrativa clássica, com encadeamento temporal, e possui as mais diversas características pós-modernas, como por exemplo a subjetividade, a ludicidade que aparece algumas vezes no filme, entre elas quando a personagem de Clementine canta a música do desenho animado Dom Pixote, “Oh my darling Clementine”, quando aparecem os bonecos de batata feitos por Clementine, ou ainda quando Joel retorna à sua infância. Outra característica pós-moderna são os saltos no tempo, em que somos levados para o passado e para o presente rapidamente.



Aparecem pouquíssimas características clássicas no filme, uma delas logo nos primeiros minutos, em que Joel está sentado na praia e abre o seu diário, e pensa consigo mesmo que estão faltando muitas páginas que parecem ter sido arrancadas, e que ele não acredita ter ficado quase dois anos sem escrever nada, a impressão que esta cena dá é que ele teve uma parte da sua vida, da sua história apagada, arrancada da sua memória sem lembrar de como aconteceu, essa cena dá uma idéia do que irá acontecer no desenrolar do filme. Há também uma estória paralela a das personagens principais, o romance entre o doutor Mierzwiak e sua secretária, que também foi submetida ao tratamento, porém não se lembra.

Um outro fato que não é comum em filmes pós-modernos, e que é presente em *Brilho eterno de uma mente sem lembranças*, é o local onde a estória se passa. Diferente dos filmes que tentam reproduzir uma cidade neutra, que não tenha características de apenas um lugar, mas que possa ser qualquer cidade do mundo, o filme deixa bem claro que quando não se passa na mente de Joel, se passa em Nova York, e em Montauk.

O filme faz algumas referências ao passado, como quando aparece a tv na casa de Joel na qual está passando um seriado de tv dos anos 60, ou até mesmo no inconsciente de Joel quando ele retorna à sua infância. Também é importante mencionar a presença das fitas k7, objeto que se tornou praticamente obsoleto no início dos anos 90. Elas aparecem no início do filme e também no consultório da empresa Lacuna, que embora ofereça um procedimento de alta tecnologia, grava os depoimentos dos pacientes em fitas k7, e mantém objetos antigos, como por exemplo uma vitrola que aparece em uma das cenas.

De acordo com Jameson, “o pós-moderno ao contrário do deleite moderno em seus projetos de máquinas que operam maravilhas, seu deleite com o colapso dessas máquinas no ponto crítico está sujeito aos mais graves mal-entendidos se não percebemos que é





precisamente assim que a tecnologia pós-moderna consome e celebra a si mesma.”

A técnica revolucionária do doutor Mierzwiak, age como se tivesse os poderes de uma deusa ex-machina, como se pudesse interferir nas memórias e conseqüentemente na vida das pessoas e lhes proporcionar felicidade quando tudo parece estar perdido. O consultório da Lacuna é frequentado por um público bem diversificado, todos querendo apagar lembranças que lhes causem tristeza e infelicidade, desde um relacionamento que não deu certo, até o animal de estimação que morreu e deixou saudades. Em uma passagem do filme, a secretária da Lacuna ao atender o telefone fala: “não podemos fazer o procedimento três vezes em um só mês”, mostrando também a rapidez dos relacionamentos e como esses se tornaram descartáveis.

## BIBLIOGRAFIA

- BAUMAN, Z., *Amor líquido*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004  
BAUMAN, Z., *O mal estar na pós-modernidade*, Jorge Zahar, 1998  
JAMESON, F., *Pós-modernismo: a lógica do capitalismo tardio*, Ática, 1996

